

se esta palavra em Sá de Miranda na Eclog. 1. est. 65, e em Barros na Decad. 2. pag. 213.

Engreecer, que se acha no Cancioneiro de Rezende, valia o mesmo que *augmentar-se em fortuna*. E' termo metaforico, tirado do antigo amanho das vinhas, segundo Alarte na pag. 65.

Ensejar: o mesmo que *observar* ou *espreitar*. Diziam tambem *ensejo* na significação de *oportunidade*.

Entaliscado, que traz Barros na Decad. 3. pag. 219, parece que significava caminho ou logar cheio de pene-dos, pelo qual se não podia passar.

Entejo: o mesmo que *aversão* a cousa comestivel. Hoje dizemos *antojo* ou *entojo*. Tambem significava odio a alguma pessoa, e neste sentido o usou Barros na Decad. 3. pag. 140.

Entrecambado [termo de Brazão] diz a Nobiliarchia Portugueza: «Leão rompente *entrecambado* de ouro e vermelho»; isto é o que cáe do leão no ouro de verme-lho, e o que cáe no vermelho do ouro. Em termos mais intelligiveis val o mesmo que cousa entresachada e met-tida uma na outra.

Entrida, especie de *papas* que antigamente comia a gente do campo, segundo Barbosa no seu Diccionario.

Envez: o *avesso* de alguma cousa. Acha-se frequen-temente no Cancioneiro de Rezende, e em Sá de Mi-randa.

Enxaravia: antigo toucado de seda, como consta da Ordenação velha ou Extravagante 4.^a part. 112 n. 7.

Enxeco: o mesmo que *damno*. Usou-o Sá de Miran-da na Eclog. 1. est. 76.

Enxequetado [termo de armeria]: o mesmo que cou-sa feita em xadrez. Tambem se dizia *empequetado* e *ja-quetado*.

Enxequias em tempos muito antigos significava *exequias*: no tempo de Damião de Goes pronunciava-se *obsequias*.

Ervodo [arvore]: o mesmo que *medronheiro*. Assim interpreta Manuel de Faria o verso do Cancioneiro de Rezende: « Jussu d'um *ervodo* jazes » &c.

Esbarrondadeiro: lugar ingreme donde é facil o cair. Lê-se em Fernão Mendes Pinto.

Esbulho: despojo tomado ao inimigo. Lopes, Chronica d'El-Rei D. João 1.^o part. 2. cap. 147.

Escandir: o mesmo que *medir*. Cardoso no seu Dicionario ainda diz *escandir* versos, por *medir* versos.

Escariás: o mesmo que *manjares*. Usou-o Gil Vicente em suas Comedias.

Esclavagem: antigo adorno do pescoço das mulheres, á maneira de cadeia, com varias voltas de perolas, ou pedras preciosas.

Escorchar: umas vezes significava *esgotar*, outras *mugir*; e assim diziam *escorchar* as tetas ao gado, e metaforicamente *escorchar* dinheiro, como disse Barros na Decad. 4. pag. 424.

Escozer: o mesmo que *magoar*. Achamos ainda em D. Francisco Manuel, *escozer* o coração. Vid. Vida de Thalia, pag. 207.

Escudeiro em nossas mais antigas Chronicas é titulo de nobreza antiga de pessoas, que não tinham jurisdicções nem terras, de que se nomeassem senhores. Veja-se a Mariz no Dialogo 3. cap. 5. Tambem se chamavão *escudeiros* aquelles que serviam os ricos homens, levando-lhes na guerra o escudo. Havia igualmente *escudeiros cavalleiros*, que eram aquelles que por alguma distincta acção militar armavam cavalleiros os reis ou principes, ou os ricos homens por commissão real.

Escudo em lizonja é o que pertence só ás infantas de Portugal antes de cazarem. E' em figura de quatro angulos, um para cima, e outro para baixo, e partido em palla de angulo a angulo. No lado esquerdo desta divisão se poem as armas reaes, e o direito fica em branco por lizonja, mostrando que a infanta está aparelhada para receber as armas do marido. *Escudo ovado* só pertence a ecclesiasticos, e não devem usar nelle da figura, que convem aos escudos dos seculares.

Esguardar: o mesmo que *considerar*. Lopes, Chron. del-Rei D. João 1.º Part. 2. cap. 151.

Esmar fazer estimação da quantidade, governando-nos pela vista. Este verbo vem de *esmo*, e um e outro era antigamente mui usado. Hoje ainda o substantivo não está antiquado.

Espassar: o mesmo que *gastar tempo em divertimentos*. Acha-se na Chronica del-Rei D. João 1.º Part. 2., cap. 147. Barbosa no seu Diccionario da-lhe a significação só de *passear*.

Esquaques [termo de armeria] são as cazas, ou quadrados do xadrez, alternados em duas cores.

Esquivar em tempos muito antigos valia o mesmo que *reprehender*. Ainda se acha em Lopes, Chronic. del-Rei D. João 1.º Part. 2. cap. 193.

Estriás: o mesmo que *bruxas*. Usou-o Sá de Miranda na Eclog. de Gonsalo, pag. 43.

Eychão: o mesmo que hoje *despenseiro*. Guardava antigamente tudo o que pertencia á ucharia real.

Fadado o mesmo que *fatal*. *Fadada* ruina de Troia, ainda disse Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 64.

Faraute traz Cardoso em seu Diccionario por *lingua*, ou por interprete. E' o unico livro, em que temos achado tal palavra.

Favoritas eram no antigo toucado das mulheres dous canudos de pouco cabello cahidos sobre a testa.

Ferropêa: o mesmo que *grilhão*. Alem de outros Auctores acha-se em Fernão Mendes Pinto, pag. 141. col. 3.

Filhar, que se acha em escripturas muito antigas, significava *tomar*, como prova Duarte Nunes na Orig. da Ling. Port. pag. 113.

Fiuxa o mesmo que *fé*, e *confiança* em alguem. E' palavra que se acha em escriptos do principio do reino.

Floreteado [termo da armeria] o mesmo que *ornado de flores*. Leão *floreteado*, cruz *floreteada* &c.

Focado cava, ou *cova*. Leitão, Miscellan. 456, allegando uns antigos versos.

Foyo: cova funda e redonda. Acha-se em Barros, em Fr. Bernardo de Brito e outros.

Folia: o mesmo que *ufania*. Leitão, Miscellan. pag. 457. «Guedaram com farta soberba e *folia*» &c.

Foreca: o mesmo que *caderno*. Acha-se na Doação del-Rei D. Fernando a Alcobaga.

Forgicado: o mesmo que *forçado*. Aulegrafia, pag. 29. «Aceitam de boamente toda a desculpa *forgicada*» &c.

Fornexinho: o mesmo que *bastardo*. Leitão, Miscell. pag. 456. «Emsembra e os netos de Agar *fornexinhos*» &c.

Fota: veio fino, tecido a listras, e com cadilhos, de que antigamente se usava, tomando-se dos mouros, e asiaticos a moda, como diz Damião de Goes na sua Chronica. Havia tambem na antiga linguagem o adjectivo *foteado*.

Fouveiro: cousa de côr, que tira a ruivo. Cavallo *fouveiro* se acha em diversas Chronicas antigas.

Fragueiro: o mesmo que *incançavel*, *impaciente*, e *inquietao*. Nestas significações o traz Barros na Decad. 2. pag. 238, e Decad. 3. pag. 259. e Fernão Mendes Pinto na pag. 196.

Franchado [termo da armeria] é o escudo partido em aspa, isto é, dividido diagonalmente em duas partes iguaes da mão direita para a esquerda.

Fretado [termo da armeria] guarnecido de cousas dispostas á maneira de grades ou gelozias. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 3. pag. 59.

Frontaleira: o mesmo que a *sanefa*, que se poem na parte superior das cortinas.

Fusco: o mesmo que *triste*. Egas Moniz, escrevendo á sua dama, «se naom torvo me acharedes, e mui *fusco*.»

Gafaria: hospital de leprosos, a quem os antigos chamavam *gafos*, e á lepra *gafeira*, sendo de uma certa especie.

Gafeira, e *gafos*: o mesmo que *lepra*, e *leproso*. Estes termos são mui frequentes na Comedia Aulegrafia de Jorge Ferreira de Vasconcellos.

Gabilé: assim se chamavam as sepulturas nos porticós, e alpendres das igrejas. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 156.

Gardingo: em tempos antiquissimos era [segundo parece] officio de justiça, e como que correspondia a desembargador do paço. Acha-se na Mon. Lusit. tom. 2. pag. 230.

Gargantão: o mesmo que *fallador*. Aulegrafia, pag. 3. «Por morder outrem, me mordo a mim mesmo de *gargantão*» &c.

Gargantoice: de que usa Sá de Miranda na satira 3. est. 62., parece que quer dizer achaque de garganta.

Garito: o mesmo que hoje *caxa de jogo*, e ao que a dava chamavam os antigos *gariteiro*.

Garrucha: era o mesmo que *polé de tratos*. Ainda em Vieira se acha esta antiga palavra no tom. 10. pag. 76.

Gazú: *matança*, segundo os antigos versos, que trans-

creve Leitão na sua Miscellanea, pag. 457. « O gasú, e assalto, que os da aleivosia » &c.

Gineteiro: o mesmo que hoje picador de cavallos. Tambem alguma vez significava cavalleiro á gineta.

Goarima: uma veste, que chegava até o joelho fechada de todas as partes, e só aberta por diante.

Gomia: uma especie de punhal. Acha-se em Barros na Decad. 4.

Grado: vontade: ainda hoje dura o modo de fallar que diz, máo grado a quem lhe pezar.

Grevas: armadura das pernas á maneira de botas, de que usavam os soldados na antiga milicia.

Gris: côr cinzenta. Anda com esta significação na antiga Vida do Condestavel, pag. 63, e ainda usou deste termo D. Francisco Manuel na Viola de Thalia, pag. 220.

Guadamecins: antiga tapeçaria feita de couros invernizados, e sobre folhas de estanho ou prata. Hoje este ornato ainda está em uso, mas com diverso nome.

Guardapatas: certo toucado antigo de que usavam as mulheres nobres.

Guarecer: o mesmo que valer alguma cousa. Neste sentido se acha em Fernão Lopes, Chron. del-Rei D. João 1.^o Part. 2. cap. 34. Outros dizem que tambem significava fazer numero uma cousa pequena á vista de outra maior.

Guarida: o mesmo que refugio, amparo e soccorro. Ainda o usaram Barros, Decad. 1. pag. 136, e Brito na Mon. Lusit. tom. 2. pag. 272.

Guete: palavra que se acha no tom. 6. da Mon. Lusit. pag. 19. significava o instrumento publico, com que o judeu convertido repudiava a sua mulher, se dentro de um anno se não fazia tambem christã.

Gyrão [termo da armeria] é um pedaço de panno cortado em triangulo. E assim escudo com *gyrões* é aquelle, que está dividido em seis, oito, ou dez partes triangulares, com as pontas unidas no centro do escudo.

Haz, que se acha varias vezes nas poesias de Francisco de Sá de Miranda, diz Bluteau, que em sentido literal significava *ala do exercito*, e metaforico *aves, e animaes que andam em ordem*.

Helche significava *renegado*. Aulegrafia, pag. 107.

« *Hirmehey* fazer *helche* » &c.

Homem segundo o Auctor do tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 123. significava *procurador*, e agente de algum fidalgo.

Homologar [antigo termo forense] o mesmo que *ratificar* e confirmar alguma cousa com auctoridade publica.

Hu: adverbio, que significava *onde*. E' frequente em Fernão Lopes na Chron. del-Rei D. João 1.º Part. 2.º cap. 156.

Imprir: *encher*: « *Orouço da cava imprio* de tal *sanha* » &c. Leitão, Miscellan. pag. 456.

Infanção o mesmo que hoje *fidalgos*. Duarte Nunes na Origem da Lingua Portugueza quer contra a opinião de outros, que *infanções* eram moços fidalgos, que ainda não tinham passado a cavalleiros, aos quaes os castelhanos chamavam *donzeis*.

Infançôa: nome com que distinguiam as ricas donas, e senhoras principaes do reino, do mesmo modo que aos antigos e grandes fidalgos chamavam *infanções*.

Infunado: o mesmo que mettido em vaidades. Acha-se em Fr. Heytor Pinto, Dialog. pag. 215.

Inha: o mesmo que *minha*. Acha-se frequentemente em escripturas desde o principio do reino até o tempo del-Rei D. Diniz.

Insibidade: o mesmo que *ignorancia*, e *estulticia*. Acha-se em uma antiga escriptura de que faz menção a Alcobaga Illustrada, pag. 179.

Jaca: o mesmo que *bolça*. Acha-se nas Comedias de Gil Vicente, pag. 18. Bento Pereira no seu *Thesouro* tambem lhe dá a mesma significação. Usou deste vocabulo Sá de Miranda em suas Eclogas.

Jazeda: o mesmo que *desembarcadouro*, e tambem *jazigo*. Acha-se nestas significações [ao que parece] em João de Barros, e outros.

Jayão: o mesmo que *gigante* na nossa mais antiga linguagem, como diz Leitão na Miscellan. pag. 23.

Joanne era nome que antigamente se dava em Portugal a todo o que despresando o mundo, vivia penitente em logar solitario. Veja-se a Chronica dos Loios no Liv. 2.º cap. 5.

Jogral: o mesmo que *chocarreiro*, e tambem gracioso adulator. Só achamos este termo em Jeronimo Cardoso.

Jouver: o mesmo que *jazer*. Acha-se ainda em Barros na Decad. 2.º pag. 236.

Jouver: o mesmo que *estar*. Veja-se a Fernão Lopes na Chron. del-Rei D. João 1.º Part. 2.º cap. 153.

Juso: o mesmo que *debaixo*. Veja-se a Faria na Introducção ás Odes de Camões pag. 82.

Jussu: o mesmo que *abaixo*. Foi adverbio mui usado até o reinado del-Rei D. Fernando.

Justo: antiga moeda que mandou lavrar El-Rei D. João 2.º Era de ouro, e pezava 600 réis.

Juzante significava ás vezes a vazante da maré, assim como á enchente chamavam *montante*. Veja-se a Damião de Goes na Chronica, pag. 70, e a Barros na Decad. 2.º pag. 186.

Laidar segundo Faria na Europa Portugueza, part. 3., significava lidar, e allega com varias escripturas do principio do reino.

Lambel: antigo panno de lãa grosseiro, e quasi sempre listrado. E' palavra que ainda se usa na Beira.

Lampinko: os moços que não tem ainda pennugem de barba. Sendo voz antiga, de que usa Gil Vicente, ainda se acha no livro *Eva e Ave* part. 1. pag. 246.

[*Lazeira*: o mesmo que pobreza. Era muito usada em tempo de Fr. Bernardo de Brito, achando-se na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 229. Hoje ainda se usa em fraze vulgar, especialmente o verbo *lazerar*.

Lealdar-se: verbo usadissimo no reinado del-Rei D. João 3.º, e significava *dar alguém juramento* perante o provedor da alfandega ou seus officiaes, de que alguma fazenda era para gasto annual de sua caza, e não para negociar com ella. Tambem significava habilitar-se alguém para ter o privilegio de morador de Lisboa, como consta da Ordenação Liv. 2. tit. 11.

Ledor: o mesmo que *leitor*, ou pessoa que lê. Usou-o Sá de Miranda no sonet. 3., e em outros logares.

Levantisco: o mesmo que *nascido em partes do levante*. Assim se deve entender o dizer João de Barros na Decad. 1. pag. 81. *Levantiscos arrenégados*.

Ligio, homem *ligio*, termo que se acha em escripturas antigas, era aquelle vassallo, que estava mais atado a seu senhor do que o outro, que só lhe tinha prestado preito e homenagem.

Linda: significava o mesmo que hoje *limite*. Havia tambem o verbo *lindar*.

Lindo [christão] valia o mesmo que *christão velho*, segundo Damião de Goes na sua Chronica, part. 1. cap. 21.

Linhagista: o mesmo que *genealogico*. D. Francisco

Manuel nas Epanaforas, pag. 443, ainda usou desta palavra.

Logo: o mesmo que *logar*. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 192.

Lusco significava *luz*, segundo Leitão na sua Miscellanea, pag. 459., transcrevendo a Carta de Egas Moniz, que diz. « Asmademe, se queredes, como *lusco* » &c.

Macaya: antigo tecido, e o havia de seda, e de lãa. Acha-se muitas vezes em Diogo do Couto.

Macho: o mesmo que *grilhão*. Ainda usou desta palavra o Auctor do Agiologio Lusitano tom. 2. pag. 315.

Madraço: na antiga linguagem valia o mesmo que *velhaco*, ou *namorador*, ou [como se diz] *quebradesquinas*. Aulegrafia, pag. 57.

Maguer que o mesmo que *aindaque*. Leitão, Miscellanea 456. « E Gibraltar *maguerque adarvado* » &c.

Mainel da escada, o mesmo que hoje *corrimão*. Acha-se ainda em D. Francisco Manuel na Carta de Guia pag. 4.

Maleza é termo antiquissimo, que significava *maldade*, e tem exemplos nos poetas mais antigos. Leitão, Miscellan. pag. 457. « Por ter a *maleza* cruenta sabudo » &c.

Manadeiro, fonte, manancial de agua, segundo Amaro de Roboredo na palavra *scaturigo*.

Manda: legado em testamento. Era termo usadissimo nos primeiros seculos da lingua. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 273.

Manilha: especie de bracelleto, antigo ornato das mulheres.

Maninha, e *maninhez* o mesmo que coisa esteril, e esterilidade, e assim diziam, mulher *maninha*, e a *maninhez* da mulher. O mesmo applicavam tambem á terra.

Manjua: o mesmo que *manjar*. Dava-se este nome a qualquer cousa de comer ou propria de homens ou de animaes.

Mantas: uma sorte de panno, que vinha de Cambaya. Acha-se em Barros na Decad. 3. pag. 61.

Manteler [termo de armeria] é uma figura formada de duas linhas, á maneira de asna, não rectas, mas curvas, com as duas pontas viradas para os dous lados inferiores do escudo, formando dous meios escudos.

Marcado: o mesmo que *igual* ou proporcionado. Era voz muito usada no seculo 16.^o por Fr. Bernardo de Brito e outros.

Marteiro: o mesmo que *martyrio*. Acha-se diversas vezes em Sá de Miranda e em Gil Vicente.

Martimenga: especie de carapuça pequena sem luas. Usou-o Sá de Miranda em suas Eclogas.

Marulho: inquietação das ondas do mar, causada pelos ventos. Veja-se a Barros na Decad. 3. pag. 212.

Matalote; tampa de areia ordinaria e pequena, de que se servia a gente pobre. Esta significação é de Fr. Luiz de Sousa na sua Historia, part. 1. liv. 6. cap. 6.

Matinar: inquietar. Aulegraphia, pag. 50: « Quem me mette em *matinar* ninguem? » &c.

Maia: o mesmo que *dama* e *donzella*, como prova Leitão na sua Miscellanea, Dialog. 17. pag. 481.

Meadade: o mesmo que *metade*. Acha-se em escripturas mui antigas.

Mealha: metade da moeda chamada *dinheiro*, cortada com a tesoura. Valia meio dinheiro, ou metade do mais infimo dinheiro.

Meco: o mesmo que *invencioneiro*, segundo se colhe da Aulegraphia, pag. 44: « Nunca fui desses *mecos*, que fazem saudades antre vallados.

Medes: mesma. Leitão, Miscellanea, pag. 457: «Sãa besta Mafoma, medes maldade» &c. Acha-se tambem em muitos papeis do principio do reino.

Menestreis: antigos tangedores de frautas, charame-las, trombetas, e outros instrumentos de assopro.

Mesurado: o mesmo que *grave* e *modesto*. Usou-o Andrade na Chronica d'El-Rei D. João 3.º Tambem di-ziam os antigos *mesurar-se* e *mesuradamente*.

Mó: ruído de cavallos, como se colhe da Comedia Aulegraphia, pag. 4 verso: «Antre mó de cavallos» &c.

Mogí: antigo vestido de que usavam assim homens como mulheres.

Moimento: o mesmo que *sepulchro* e *jazigo*. Alguns escreviam *muimento*.

Molinhãr: valia o mesmo que *moer*, e adverte Duarte Nunes que com dous *ll* é que significava *choviscar*.

Mordomear: o mesmo que *manejar* ou *governar*. Acha-se na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 52.

Morfanho: homem que falla pelos narizes, ao qual nós hoje chamamos *fanhoso*.

Mungil: vestidura de mulher, que trazia luto, mas não era viuva.

Nado: o mesmo que *nascido*: foi termo tirado do antigo castelhano, e acha-se em alguns adagios portuguezes.

Ninmigalha, que se acha em escripturas antiquissimas, valia o mesmo que *nada*.

Novel [cavalleiro]: o mesmo que *bisonho*. Veja-se a Barros na Decad. 1. pag. 11.

Oganho: o mesmo que *neste anno*, conforme Duarte Nunes de Leão na Origem da Ling. Portug. pag. 57. Cardoso diz *oganno*, e acrescenta *anno superiore*.

Oniúdos: o mesmo que *christãos*. Leitão, Miscellanea, pag. 457: «Hostes sedentos do sangue de *oniúdos*» &c.

Oparlandar: vestido de homem largo e comprido. Acha-se em Barros, Decad. 1. pag. 94, e em Fernão Mendes Pinto, pag. 91.

Orada: lugar em que se ora a Deus. Leitão, Miscellanea, pag. 457. «O templo e *orada* de Deus profanaram» &c.

Ornear: o mesmo que *surrar*. Acha-se no Cancioneiro de Rezende, e confirma Bento Pereira esta significação no seu Thesouro da Lingua Portugueza.

Ortar: o mesmo que *cultivar* a terra. Usou-o Barros na Decad. 1. pag. 88.

Ourado e *ourar*: o mesmo que *enganada* e *enganar*. Ainda se acham, sendo aliás termos muito antigos, no Poema Virginidos, cant. 4. est. 124.

Ourivezaria chamavam a todo o lugar onde trabalhavam ourives de ouro ou prata. E' palavra de Fernão Mendes Pinto, pag. 128.

Oussia: o mesmo que *capella*, e *oussia principal*, *capella-mór*. Veja-se o tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 329.

Ouiva, segundo Duarte Nunes de Leão na Orig. da Ling. Portug. cap. 19, significava em rigor não o fallar sem fundamento, mas o fallar *desentoadamente*.

Ouvença: o mesmo que *avença*, conforme o Auctor do tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 330.

Oxamala: era interjeição de sentimento e compaixão. Acha-se no Cancioneiro de Rezende e em Gil Vicente.

Oxeo: o mesmo que *bater mato*. Usou deste termo Leitão nos seus Dialogos, pag. 62, e parece que neste sentido.

Paceiro-mór: antigo officio na casa real, que tinha a superintendencia das fabricas do paço e casas reaes. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 103.

Pacigo: o lugar onde pastava o gado. Acha-se em Sá de Miranda na Eclog. 1. est. 74 e 76.

Paços: o mesmo que solar de fidalgo de grande e antiga nobreza, como prova nas Notas ao Nobiliario do conde D. Pedro o marquez de Monte-Bello.

Padieira: a verga da porta. Acha-se em escripturas antigas, e ainda usou della Gaspar de Barreiros na pag. 282.

Palacêgo: homem *cortezão*, e que servia em palacio. Usou-o Sá de Miranda e Gil Vicente.

Palafrem: o cavallo *manso* e *ricamente ajaesado* em que andavam as princezas e damas da corte. Neste sentido o traz entre outros o Auctor da Chronica d'El-Rei D. João 1.º na pag. 243.

Palanciana [mulher] segundo Miguel Leitão na sua Miscellanea, pag. 560, valia o mesmo que *cheia de presumpção e vaidade*.

Palla [termo da armeria] peça á maneira de barra, ou faxa, lançada do alto até o fundo do escudo, ou continua, ou de varias peças uma sobre outra.

Palmeiro: o mesmo que *romeiro* e *peregrino*. Veja-se a Duarte Nunes na Origem da Ling. Portug. pag. 58. Daqui vem chamar-se hospital dos *Palmeiros* a uma albergaria que havia em Lisboa para hospedar peregrinos, o qual se conservava antes do grande terremoto de 1755.

Pannos socégados, segundo o Auctor da Aulegraphia, valia o mesmo que *vestidura grave*: a mesma significação lhe dá Braganza na antiga Lingua Castelhana.

Paquife [termo da armeria] são as folhagens e plu-

magens que sahem do elmo, e são sempre das mesmas cores e metaes do escudo, e não de outras.

Paragana: valia o mesmo que *feudo* de fidalgo, cujos vassallos tinham obrigação de servir na paz e na guerra. Neste sentido achamos esta palavra em Barros na Decad. 4. pag. 525 &c.

Pardelhas: uma especie de vulgar juramento, de que usavam os antigos para afirmar alguma cousa. Diziam tambem *bofé* e *bofelhas*.

Pareas: o mesmo que *tributo* em reconhecimento e obediencia. Veja-se a Barros na Decad. 1. pag. 146. Ainda o usou o Padre Vieira, grande adorador da lingua-gem antiga.

Parrada: cousa estendida á maneira de parreiral. Nesta significação é que parece a usou Barros na Decad. 1. pag. 155.

Passador: adereço feminil, composto de pedras preciosas. Era tambem um genero de seta ou dardo, que passava o escudo.

Passamento: o mesmo que *artigo de morte*. Ainda o usou Fr. Luiz de Sousa [diversas vezes na sua Historia de S. Domingos.

Passante [termo de armeria]. Diz-se do animal posto em pé no escudo, de maneira que pareça que anda.

Pavez: escudo largo que cobria todo o corpo do soldado, por onde podia ter damno. Delle nasce *pavezar* e *pavezado*, que se acha na Chronica d'El-Rei D. João 1.º pag. 234.

Peça de armas: o mesmo que armação de todas as peças, com que se armaya o cavallo de ponto em branco.

Pêco [homem]: o mesmo que *nescio*, segundo Duarte Nunes na Origem da Ling. Portug., pag. 83.

Pedigónho: aquelle que pede muito: hoje dizemos *pedinchão*. Acha-se no Cancioneiro de Rezende.

Peita: o mesmo que *tributo*, como consta de Fernão Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.^o, part. 2. cap. 193.

Pejar: entre outras significações também valia o mesmo que *ocupar*. Aulegraphia, pag. 111: « Não lhe *pejarei* o tempo, que quem dous senhores serve » &c.

Pellote: antiga vestidura rustica de panno grosso com mangas e abas grandes. Segundo o poema da Malaca Conquistada, liv. 1. est. 65, havia também *pillotes* de panno fino.

Pequice: o mesmo que *parvoice*. Aulegraphia, pag. 8: « Que grande *pequice* é ser afeiçãoado! » &c. Também significava *desventura*.

Percudir: o mesmo que *ferir*. Lopes, Chronica d'El-Rei D. João 1.^o, part. 2. cap. 151.

Perigalhos: as pelles que por magreza ou velhice pendem debaixo da barba ou pela garganta. Nesta significação se acha nas Prisões e Solturas &c., que compoz D. Francisco de Portugal, pag. 20.

Piar: um certo genero de traje, do qual só se sabe que diziam os antigos *calças de piar*.

Pincar: a parte superior de alguma cousa; e assim diziam os antigos *pincar* da arvore, do monte &c.

Pinchar: lançar fóra com violencia e estrôndo. Usou-o Barros na Decad. 3. pag. 163, e outros do seu tempo, como Damião de Goes &c.

Pirnalto: é termo de que usa o Auctor da Aulegraphia na pag. 1. Entendo que será erro da impressão, e que devia dizer *pernalto*, porque esta voz significava antigamente *alto de pernas*.

Pogeja: antiga moeda; a que também chamayam *mealha*. Vid. *Mealha*.

Polheira: antiga saia de mulher, que cobria immediatamente o guardinfante.

Pontas: jogo dos antigos cavalleiros, correndo uns contra os outros com armas de ponta, como lança &c. Veja-se a Chronica d'El-Rei D. João 1. part. 2. pag. 112.

Porpoem: gibão com bicos de barba de baleia. Pouco ha que se antiquou este termo.

Portuguez: moeda de prata e ouro, que mandou lavrar El-Rei D. Manuel. O de prata valia 400 réis; e havia tambem meio portuguez do valor de 200 réis; e quarto da valia de 100 réis. Portuguez de ouro tinha de valor 4\$000 réis. Veja-se a Historia dos Bispos de Lisboa, e as Noticias de Portugal.

Postrimeiro: o mesmo que *derradeiro*. E' mui frequente em escriptos até o reinado d'El-Rei D. João 2.^o

Potentêa [cruz], termo da armeria, é a que no escudo tem a hastea de alto a baixo mais longa que a outra que atravessa de parte a parte.

Poyar: o mesmo que *desembarcar*. Leitão, Miscellanea, pag. 456: «*Poiaram* a saa grado» &c.

Prasmado e prasmar: o mesmo que *admiravel* e *admirar*. São termos que se acham a cada passo na linguagem dos principios do reino.

Prasmar: o mesmo que *vituperar* e *abominar*, como prova Faria na Introducção ás Odes de Camões, pag. 82.

Prasmo: o mesmo que *injuria* ou *nota*. Delle formavam o verbo *prasmar*. Veja-se a Chronica d'El-Rei D. João 1.^o part. 2. cap. 193.

Preboste: capitão reformado da nossa antiga milicia, que corria o campo acompanhado dos capitães de campanha e seus barracheis, a ver se achava soldados fugitivos ou mal procedidos.

Precação: o mesmo que *colheita*, segundo se entende de um lugar da Mon. Lusit. tom. 4. pag. 117.

Precalçar: o mesmo que *adquirir e ganhar*. Acha-se na Vida do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, pag. 11.

Preitejar: fazer concerto com alguém. Tambem diziam *preitejamento* por ajuste.

Preitez: pessoa ou cousa *bonitinha*. Acha-se em Sá de Miranda, e ainda traz este termo Bento Pereira no seu Thesouro da Lingua Portugueza.

Pres: o mesmo que *logo*. Leitão, Miscellanea, pag. 457: «Metteram o cutello a *pres* de rendudos» &c.

Prestamento, que se acha a cada passo em escripturas antigas, valia o mesmo que *utilidade*.

Prestes: o mesmo que *bispo*. Leitão, Miscellanea, pag. 456: «*Prestes* malino de Cepta.»

Preto: moeda que mandou lavrar El-Rei D. Duarte. O seu valor era infimo, porque dez pretos faziam um real branco. Veja-se a Benedictina Lusitana, part. I. pag. 385.

Pro: o mesmo que *proveito*. E' termo mui frequente em Escripturas antigas, e se acha na Ordenação do Reino, liv. 3. tit. 18. §. 10., onde diz: «Feito em *pro* commum . . . não tem ferias.»

Prouguer: *aprovar e consentir*. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 44 verso.

Pruir: o mesmo que *fazer comichão*. Em sentido metaforico ainda o usou D. Francisco Manuel, grande amator da antiguidade. Veja-se nas Epanaph. a pag. 182.

Puger: o mesmo que *pôr*. Conjugavam os antigos este verbo, dizendo: Eu puge, tu puges, elle puge, nós pugimos, vós pugis, elles pugem &c. &c. Observem-se as escripturas até El-Rei D. Diniz.

Pujança: força, poder e valor. É palavra que estava em uso até o principio do seculo passado, dizendo-se igualmente *pujante* por *poderoso*. Alguns Auctores tambem o usaram na accepção de *abundante*.

Pulmella [termo da armeria], que a Nobiliarchia Portugueza na pag. 292 applica á cruz, que trazem os Leites em suas armas, dizendo: «Uma cruz de prata *pulmella*, e vazia do campo.

Puridade: o mesmo que *segredo*. Por isso chamavam escrivão da *puridade* ao primeiro ministro de estado, de quem os nossos antigos Reis fiavam os intimos segredos da politica.

Quejanda: o mesmo que *porque tal?* É mui usado no Cancioneiro de Rezende, e nas Comedias de Gil Vicente.

Querencoso: *dezejoso*. Aulegraphia, pag. 111. «Vós senhoras da vossa vontade, e nós *querencosos* de vola fazer» &c.

Raca: homem *sandeu*, e sem *miollo*, diz Duarte Nunes de Leão na Origem da Lingua Portug. pag. 93.

Rafez, de que usam alguns livros antigos de familias, significava *homem de baixa esfera*: foi tirado do antigo castelhano.

Raparte [termo da armeria] diz-se do Leão representado no escudo com garras e unhas sahidas, como rapando o chão. Outros disseram *rompente*.

Raso: escudo [termo da armeria] diz-se daquelle, que não tem ornatos exteriores, como manteler, timbre, paquife, folhagens &c.

Raxado [vestido] o mesmo que *de varias cores*, porque *raxa* era panno com listras de diversas cores. Inda hoje conserva este nome.

Rebeçar: o mesmo que *vomitar*. Acha-se no liyro Correccão de abuzos, em diversos logares.

Rebem : o mesmo que *agoute*. Ainda hoje tem este nome o instrumento, com que o Cômitre da Galé açouta aos forçados.

Rebique, segundo Duarte Nunes de Leão, era a postura que antigamente as mulheres punham na cara para fazerem as faces vermelhas.

Rebo : o mesmo que hoje *cascalho* de pedras ou telhas quebradas.

Recacho : o mesmo que *Desabrimento*. Aulegrafia, pag. 100. « E passado este *recacho*, recolho minhas magoas » &c.

Reçaga : valia o mesmo que *destraz*. O Auctor dos Cercos de Malaca a usou em vez de *retaguarda*, e Damião de Goes tambem a dá no mesmo sentido pag. 68.

Recolheito : o mesmo que *modesto*. Diziam tambem mulher *recolheita* por mulher *recolhida*, e de bom procedimento.

Recramar : o mesmo que fazer alguma cousa em *pré-gas*, ás quaes chamavam *recramo*.

Recruzetado [termo da armeria] diz-se da cruz, quando na extremidade dos braços ha outra pequena cruz, que atravessa, ou que vem a formar quatro pequenas cruces, como se vê nas armas dos Lucenas.

Recudar : valia o mesmo que *recusar*, como se lê na Mon. Lusit. tom. 5. Liv. 16. cap. 56.

Recudir : o mesmo que *tornar a achar alguma cousa*. Acha-se entre outros livros no da Vida do Condestavel, pag. 10. col. 3.

Referta : o mesmo que *porfia*, *repugnancia*, e *contenda*. Acha-se ainda em Barros na Decad. 2. pag. 84. Diziam os antigos tambem *referteiro* por *teimoso*, e *porfioso*. Usavam igualmente de *refertar* e *referteiramente* por *porfiar* e *porfiadamente*.

Refestelo: o mesmo que festa de baile, e folia, como mostra a Historia dos Bispos de Lisboa, Part. 2. pag. 130.

Relé: entre outros significados tomava-se tambem por geração e sangue.

Rengo: panno fino de algodão, que vinha da India, e servia para vestiduras de mulheres.

Repas: o mesmo que *barba mal povoada*. Aulegrafia pag. 20. « Por estas *repas*, que me apontam » &c.

Reptar: o mesmo que *desafiar*. Vem de *repto*, que significava *desafio*, palavras que ainda se acham na Ordenação do Reino Liv. 5. tit. 43.

Respingo: o mesmo que *couce*. Acha-se no Cancioneiro de Resende, e deveria tornar a usar-se para servir no estilo grave.

Retouçar: o mesmo que *espojar-se*, como fazem alguns animaes. E' palavra de que usou o antiquissimo poeta Egas Moniz Coelho.

Revel: o mesmo que *contumaz*. E' termo usado hoje na pratica forense. Os antigos tambem diziam *revelam* em lugar de desobediente.

Revez [mar] o mesmo que *alterado*. Acha-se em Barros na Decad. 3. pag. 136.

Riigo parece que era o mesmo que *apressado*. Acha-se na Vida do Condestavel em diversos logares.

Roaz: animal que rouba, e come rezes. Usou-o Sá de Miranda na Ecloga 1.^a n.º 8., fallando do lobo.

Roçagante: vestido mui comprido, que arrastava pelo chão, e por isso muitas vezes os antigos chamavam *roçagante* sómente á cauda dos vestidos.

Rodello: o mesmo que *remendo* em bota, ou çapato. Acha-se nas Obras de Gil Vicente.

Rojado: o mesmo que *assado* ou *torrado*. Acha-se

nas Comedias de Gil Vicente. Aos torresmos chamavam *rojons*, segundo Bento Pereira.

Roldão: entrar de roldão em alguma parte significava o mesmo que entrar *confusamente*, e todos juntos; porque á ronda chamavam os antigos gente de *rolda*; isto é em montão, sem ordem e toda junta em um corpo.

Ronca: o mesmo que *valentão*. Aulegrafia pag. 22. «Diz que sois *ronca*» &c.

Rouçar: o mesmo que *forçar*; e assim diziam mulher *rouçada*.

Rouço: a acção de forçar uma mulher. Leitão na Miscellan. pag. 456. «O *rouço* da cava imprio de tal sanha» &c.

Rouçom: o forçador da mulher. Leitão na Miscellan. pag. 457. «Ao *rouçom* do rei, que em Toledo sia» &c.

Sabor: o mesmo que *desejo*. Acha-se nos versos do infante D. Pedro, e no Cancioneiro de Resende.

Safáro: o mesmo que homem *agreste*, rustico ou mal morigerado. Nesta significação o traz ainda Fr. Luiz de Sousa, na sua Chronica, e na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 121., col. 3., João de Barros na Decad. 1. pag. 158. parece que dá a este termo a significação de coisa *livre* &c.

Saga: o mesmo que *retaguarda* no exercito, segundo a Chronica del-Rei D. João 1.º part. 2. cap. 32. ensinando-nos tambem que á vanguarda se chamava *dian-teira* e ás alas *costaneiras*.

Sagaçaria: *ardil*, e *astucia*. Lopes, Chron. del-Rei D. João 1.º part. 2. cap. 192.

Sageira: o mesmo que *sabedoria*. Acha-se em escripturas antigas dos principios do reino, que andam copiadas nos tomos da Mon. Lusit.

Sagião: em tempos antiquissimos significava o mes-

mo que *alcaide*, juiz ou outro ministro de justiça, professor de letras.

Sainho: traje antigo de mulher, talvez diminutivo de outro chamado *sayo*.

Samicas: o mesmo que *por ventura*. Veja-se o mais que diz sobre esta palavra Duarte Nunes na Orig. da Ling. Portug. pag. 141.

Sandeu: o mesmo que *mentecapto* e tolo. Chamavam também á falta de juizo *sandice*.

Saquetaria: lugar onde antigamente se guardava o pão cozido, que davam os reis de Portugal aos seus criados. Ao que tomava conta delle chamavam saquiteiro.

Sarambequê: antigo toucado de cabello á banda, partido para um lado da testa. Acha-se no Cancioneiro de Resende.

Sarangue: piloto, e guarda da prôa, segundo o Padre Bento Pereira no seu Thesouro da Lingua Portugueza.

Sarrim: antigo panno muito fino que vinha de Bengala. Acha-se frequentemente nos nossos escriptores da Historia Oriental.

Sartagem: o mesmo que *frigideira*. Miguel Leitão na sua Miscellanea, pag. 628, traz estampada a figura. Depois entrou-se a chamar-lhe *certãa*.

Sayão: o mesmo que *algoz*, segundo Leitão na sua Miscellan. pag. 457, onde transcreve uns antigos versos em que vem esta palavra.

Sayo: antigo vestido de mulher, semelhante a colete com mangas perdidas. Os homens também uzavam de *sayo*, que era como um cazacão, ou gibão com grandes abas.

Segre: o mesmo que *seculo*, ou espaço de cem annos. Acha-se em Fr. Heitor Pinto no tom. 2. dos Dialog. pag. 74.

Seleiro: o mesmo que *ligeiro*. Aulegraphia pag. 48.
 « Anda já *seleiro* nestes recontros » &c.

Sendas: de que ainda usa Barros na Decad. 4., pag. 662, val o mesmo que dar de uma coisa uma a cada pessoa.

Sengo: o mesmo que homem *dissimulado*, e que calando vai obrando. Já Duarte Nunes dá esta palavra por antiquada; porem D. Francisco Manuel ainda usou della nas Obras Metricas part. 2. pag. 249.

Senior: diziam os antigos em vez de *senhor* de alguma terra. Veja-se a Brandão no tom. 3. da Mon. Lusit. pag. 236, onde faz algumas uteis reflexões sobre esta palavra, e a de *dom*.

Sevosos: assim chamavam antigamente os castelhanos aos portuguezes, por serem quasi todos descendentes dos *suevos*, e devendo dizer *suevosos* por corrupção diziam *sevosos*. Veja-se a Brito na Mon. Lusit. tom. 2. pag. 155.

Sina: bandeira real. Acha-se com esta significação no livro dos Regimentos del-Rei D. Diniz no titulo de *alferes-mór*.

Singel: o mesmo que uma *junta de bois*. Acha-se na Orden. do Reino, Liv. 2. tit. 33. §. 17.

Sobrejuiz: o mesmo que *corregedor*, mas com mais ampla jurisdicção. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 54. Depois valia o mesmo que *juiz* na casa do civil.

Soidade: o mesmo que *saudade*. Ainda foi usada por Camões na Eleg. 2. est. 3., e por Barreiros na Censura a Fabio Pictor pag. 18.

Soláo, que traz Sá de Miranda na Eclog. 1.^a n.º 67, significava *gosto*, *alivio*, e *consolação*.

Solariego: fidalgo de *solar*. Diziam tambem os antigos casa *solariega*, linhagem *solariega* &c.

Solaz: o mesmo que *alivio*, *desenfadamento*, como diz Brito na Mon. Lusit., tom. 1. pag. 391.

Soldo: moeda de cobre, de ouro, e de prata, segundo D. Rodrigo da Cunha na Historia dos Bispos de Lisboa. No reinado de El-Rei D. Duarte vinte *soldos* valiam uma libra; conforme a opinião de Severim de Faria um soldo valia um real, quatro seitiz, e quatro quintos de seitil.

Solia, de que usa Sá de Miranda, era certo tecido, com que os antigos se vestiam.

Soqueixo: antigo toucado das mulheres. Era uma toalha na cabeça, cujas pontas passavam por baixo dos queixos.

Sortija: adorno dos dedos á maneira de anel. Acha-se em diversos testamentos antigos, e no Cancioneiro de Rezende. Nos jogos de cavalleiros correr *sortija*, ou *sortilha*, era o mesmo que correr argolinha.

Sosquinar: o mesmo que *inclinare*; e ser propicio a alguém, segundo Bento Pereira.

Sropilargo: era em tempos antiquissimos um genero de calçado, como diz Ruy Fernandes [segundo Bluteau] no Tratado, em que trata da cidade de Lamego.

Stafil: o mesmo que *azorrague*, mas composto de correas, ou segundo outros de varas.

Succedenho: o mesmo que *sucesso*, ou *incidente*. Acha-se nas poesias de Gil Vicente.

Surzido: termo de esgrima, de que usavam os antigos, mas não sabemos o que significava ao certo. Acha-se na Farça do *Fidalgo Aprendiz*.

Suso: adverbio, que significava o mesmo que *acima*, e era o contrario de *jussu*.

Suxo: o mesmo que coisa *alargada*, desapertada e solta, v. g. corda *suxa*, como traz Damião de Goes na

Chronica, pag. 63. Deste nome nascia tambem o verbo *suxar*.

Tabardilha: diminutivo de *tabardo*, antiga vestidura de homem, mas não sabemos ao certo em que consistia. Acha-se na Chronica d'El-Rei D. João 1.^o pag. 106. Segundo Leitão na sua Miscellanea, parece que era uma especie de capa curta, conforme o antigo adagio: "*Tabardo e botas cobrem as costas*."

Tabolagem: o mesmo que casa publica de jogo. E' palayra da Ordenação do Reino, liv. 5. tit 82. §. 4.

Taburno: um *pequeno estrado*, sobre que se punha a cama. Ainda o usou Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 204.

Talante: o mesmo que *vontade*. D. Francisco Manuel nas suas Cartas, pag. 100, diz que esta palayra era da moda em seu tempo. Seria renovada, porque é certo que é muito anterior ao seculo deste Auctor, como consta de diversas escripturas antigas. Verdade é que diziam *talhante* mais do que *talante*.

Talar: o mesmo que *assolar*, *destruir*, *arrazar*. Ainda usou Vieira deste verbo no tom. 5. pag. 451.

Talha: o mesmo que *finta* ou *tributo*. Acha-se em algumas escripturas antigas.

Talisca: o mesmo que *greta* e *fenda* nos penedos, em cujas aberturas se recolhem mariscos. Ainda parece que tem este termo algum uso nas provincias.

Tambeira: a madrinha da noiva, segundo o Padre Bento Pereira, o qual não sabemos onde achára esta palayra. Deduziu-a de *tambo*, que diz era a camara ou leito dos noivos.

Tauxia, de que usou D. Francisco de Portugal em suas poesias, significava aquelle matiz de branco e vermelho, que faz formoso o rosto.

Tavanes: o mesmo que *ousado*, *determinado* e *resoluto*. Aulegraphia, pag. 80: « Quereis rapariga careira, fazendeira, *tavanes* » &c.

Tavolado: antigo jogo de cavalleiros, que consistia em derribar com tiros de arremego um castello de madeira, em que se uniam as taboas por tal ordem, que nem por si podiam cair, nem deixar de vir ao chão, sendo movidas com grande força.

Tenente: titulo honorifico, o qual se dava aos ricos-homens, e valia o mesmo que *senhor* e *governador*, a cujo cargo estava commettida a defesa de alguma terra.

Tepez: o mesmo que *contumaz*, segundo Duarte Nunes de Leão na Origem da Ling. Portug. pag. 116, dando este termo já por antiquado no seu tempo.

Testudação: o mesmo que *obstinado*. Acha-se em Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 163. col. 3.

Toral: cabeção sem mangas na camiza das mulheres. Usou-o Sá de Miranda em suas Eclogas.

Tornadiço: injuriosa palavra que se dizia ao judeu ou mouro que, tendo-se convertido, tornava á sua primeira religião. Tambem chamavam *tornadiço* ao que largava a sua lei por se fazer christão; e os que diziam esta injuria eram severamente castigados com pena pecuniaria.

Tornexes: moeda de prata que mandou lavrar El-Rei D. Pedro I.^o Valia sete soldos de dez seitís e quatro quintos de seutil. Havia tambem meios *tornexes*, chamados *petites*.

Tortão [termo da armeria]: são umas figuras redondas como moedas, e semelhantes ás arruelas.

Tosquenejar: o mesmo que *dormir levemente*, já abrindo, já fechando os olhos. No uso de alguns ainda esta palavra não está de todo antiquada.

Trabuco: maquina de guerra, que teve uso antes da artilheria. Constava de uma grande trave, que, desandando com força, arrojava pedras em longa distancia. Acha-se este termo em algumas Chronicas antigas.

Tramposo hoje tem significado totalmente diverso. Em tempos antigos significava *enganador*, e especialmente *trapaceiro* em demandas, como se colhe de Barros na Decad. 5. pag. 402.

Trebelhar: o mesmo que *brincar* ou *bulir* com alguma cousa, ou *correr* de uma parte para outra. Acha-se em uns versos mui antigos que transcreve Brito na Chronica de Cister pag. 347. Deste verbo nascia *trebelho*, que significava *brinco*, como se colhe de escriptos antigos, segundo Duarte Nunes de Leão na Origem da Lingua Portug. pag. 114.

Tredo e *tredor*: o mesmo que *traidor*. Ainda o usou Barros na Decad. 2. pag. 226, e Sá de Miranda na Eclog. 1. n. 43.

Tredorice: o mesmo que *traição*. Era mui frequente este vocabulo com uma tal pronunciação até o tempo em que Jeronimo Cardoso escreveu o seu Vocabulario, seculo em que se dizia *tredor* e não *traidor*. Em tempos mais antigos pronunciava-se *tredo*.

Trefo: o mesmo que maliciosamente *dissimulado*, ou homem *sagaz*, conforme o antigo adagio: «Teu amigo é o *trefo*, se te encobre teu segredo.

Treito: o mesmo que *sujeito*; v. g.: «Sois *treito* a desconfiar.» Ainda hoje se usa em algumas terras do reino.

Tremisses: moeda antiga do valor da terça parte de um soldo. Usou desta palavra Brito na Mon. Lusit. tom. 2. pag. 199.

Tresandar: o mesmo que *transfigurar* e *transformar*. Acha-se em Sá de Miranda na Satyr. 4. est. 47.

Trespasso: o mesmo que *dilação*. Acha-se com este significado na Vida do Condestavel, e na Chronica d'El-Rei D. João 1.^o part. 2. cap. 152.

Trigança: o mesmo que *pressa*. E' palavra mui frequente em escriptos antigos. Dizia-se tambem *trigoso* por *apressado*, e *trigosamente* por *apressadamente*.

Trincolhos: assim chamavam aos brincos que se dão aos rapazes, especialmente sendo do genero daquelles, que fazem algum estrondo, e em certo modo *trincam*, quaes aquelles a que os latinos chamavam propriamente *crepundia* e *crepitacula*.

Trintairo: o mesmo que *a outra vida*. Leitão, Miscellan. pag. 460, transcrevendo este verso da Carta de Egas Moniz: «Que me boy para o *trintairo* lagrimoso.

Trocha: caminho em que se torce, e se faz algum desvio. Acha-se em algumas das antigas Chronicas, e em Gil Vicente.

Trochado: era certo lavor de seda, de que antigamente se usava nos vestidos, segundo a Extravagante, 4. pag. 113 verso.

Ucha: o mesmo que *arca*. Della vem *uchão*, que significava *despenseiro*, que guardava em arca os mantimentos; e *ucharria*, que valia o mesmo que casa de guardar cousas comestiveis.

Vaganáo: o mesmo que *vagabundo*. Tambem por metфора significava *inconstante* e *boligoso*: neste sentido o usou Sá de Miranda, dizendo: «Com seus olhos *vaganáos*.»

Vasquinha: antiga saia com muitas prégas. E' termo usadissimo por Fr. Luiz de Sousa na sua Chronica.

Vassallo: titulo summamente honorifico, que se dava só a filho, ou neto, ou bisneto de fidalgo de antiga linhagem. Tambem se chamavam *vassallos* d'El-Rei os

que da liberalidade real tinham recebido terras, castellos, e outras jurisdicções. D'El-Rei D. Affonso 5.^o até El-Rei D. Manuel chamava-se *vassallo* a todo aquelle que comia moradia da fazenda real, para haver de servir na guerra, ou no que lhe fosse encomendado. Veja-se o tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 31 até 33.

Vegada: o mesmo que *vez*. Prova-o Faria, commentando o canto 4. de Camões, com uma carta de D. Lourenço, arcebispo de Braga, que usa deste termo com a dita significação.

Veirado e veiros [termos da armeria] de que trata a Nobiliarchia Portugueza, pag. 226 e 239.

Velar-se: o mesmo que *guardar-se*, ou *temer*. Aulegraphia, pag. 9: "*Vele-se* cada um de desventura, quanto lhe for possível" &c.

Vensí: segundo D. Rodrigo da Cunha na Historia dos Arcebispos de Braga, ao interpretar um antigo letreiro em que se acha esta palavra, parece significava o mesmo que *outrosim*.

Vente: o mesmo que *visivel*. Aulegraphia, pag. 5: "Em que vereis huma pintura que falla, e vos fará *vente* e palpavel a vaidade" &c.

Vico [homem] o mesmo que *creado á larga* e muito á sua vontade. Acha-se na antiga descripção da Batalha do Salado, feita em trovas por Affonso Giraldes.

Villão cavalleiro: Assim se chamava aquelle que, não sendo cavalleiro de linhagem, se fazia cavalleiro na guerra, por não servir *pião*; e assim tinha seus taesquaes privilegios.

Virovão: especie de seta. Usou-a Barros na Decad. 3. pag. 100, e o Auctor da Chronica d'El-Rei D. João 1.^o pag. 385.

Zarguncho: arma de arremeço, como dardo, á qual

tambem chamavam *zagaia*. E' termo mui frequente em João de Barros.

Por conclusão deste catalogo advertimos ao principiante, que os nossos antigos pronunciavam *ma, ta, saa*, em lugar de *minha, tua, sua*: que diziam *mei, tei, sei*, em vez de *meu, teu, seu*: que em muitas dicções usavam de *r* onde nós usamos de *l*; v. g. diziam *excramar, apracar, apranar, prantar &c.*, e não como hoje, *exclamar, aplacar, aplanar, plantar &c.* Tambem os participios que nós terminamos em *ido*, acabavam elles em *udo*, dizendo *sabudo, rendudo, unudo &c.*, e não *sabido, rendido, unido &c.*

Naquelles tempos, onde os verbos terminam em *ão* acabavam elles em *om*, dizendo *som, tirom, forom, faziom, criarom &c.*, em vez de *são, tirão, forão, fazião, crearão &c.* Nos tempos em que os verbos acabam hoje em *aes*, terminavam elles em *ades*, e diziam, v. g., *façades, hajades, sejades, mettades, possuiades &c.*, em lugar de *façaes, hajaes, sejaes, mettaes, possuuaes &c.* Nos tempos que terminam em *eis*, acabavam elles em *edes*, pronunciando *enviedes, formedes, deveedes &c.*, em vez de *envieis, firmeis, deveis &c.* Nos tempos que acabam hoje em *ei* ou *ai*, terminavam elles em *ede* ou *ade*, e diziam *sabede, fazede, amade, recusade, firmade &c.*, em lugar de *sabei, fazei, amai, recusai, firmai &c.* No verbo *ser* ou *estar* tinham tambem os nossos antigos pronunciações mui diversas das nossas, porque diziam, v. g., *esté* por *esteja*, *sia* por *estava* &c. Lêa-se a Sá de Miranda, que destas e outras pronunciações, que por brevidade omittimos, se fará copioso catalogo. Observe-se tambem o tom. 5. da Mon. Lusit., onde copia escripturas do reinado d'El-Rei D. Diniz.

REFLEXÃO 2.^a

Sobre a falta que temos de muitos verbos, de que usavam os nossos antigos, e hoje injustamente se dão por antiquados.

O Auctor do livro, Antidoto da Lingua Portugueza, espirito presumido, e critico de poucos cabedaes, desejou muito que a nossa linguagem de cada nome formasse um verbo, para não mostrar pobreza em muitas occasiões, em que a não podemos chamar rica. Queria elle que, imitando nós aos inglezes, formassemos v. g. de *idoneo idonescer*; de *enorme enormescer*; de *virtude virtudescer*; de *prudente, prudentescer*; de *fetido, fetidir*; de *placido, placidir*; de *astucia, astuciar*; de *severo, severear*; de *humano, humanear*; de *menino, meninar* &c. Prouvera a Deus que houvera estes verbos, porque cresceria a riqueza da nossa linguagem; mas o que eu mais quizera era que injustissimamente se não dessem por antiquadas muitas palavras de seculo para seculo, sem mais razão que a de um cego capricho, inspirado pelo espirito da novidade, que anima aquelles que, pelo estudo das linguas estrangeiras, despresam a propria. Deixando por ora infinitos nomes que já não vogam, apontarei sómente alguns verbos que me forem lembrando, dos quaes usaram os nossos bons antigos, deduzindo-os dos seus substantivos, fazendo com elles mais copiosa do que hoje a nossa linguagem. Sim, mais copiosa; e quem tiver isto por paradoxo, lêa com reflexão aos nossos Classicos, e confessará que não fui desmedido no epitheto, se entrar a fazer catalogo dos infinitos termos, que elles tinham e nós não temos.

Elles de *abobada* formavam *abobadar*; de *alarde*, *alardear*; de *aldrava*, *aldravar*; de *alfaias*, *alfaiar* [por adornar uma caza]; de *aljofres*, *aljofrar*; de *almagra*, *almagrar*; de *amamentar*, por *crear ao peito*; de *amarello*, *amarellecer*; de *amigo*, *amigar-se*, [em sentido honesto]; de *arpa*, *arpar* por *tanger*; de *arroba*, *arrobar*, [isto é tomar o pezo]; de *atalaia*, *atalaiar*; de *balravento*, *balraventejar*; de *barba*, *barbar* [isto é apontar a barba]; de *bastardo*, *bastardear*; de *bolina*, [termo marítimo] *abolinar*; de *bonança*, *abonança*; de *brusco*, *embruscar-se*; de *caramello*, *encaramellar*; de *ceira*, *enceirar*; de *chocarreiro*, *chocarrear*; de *confeição*, *confeioar*; de *cume*, *encuminar* [por pôr uma cousa no lugar mais alto]; de *dar nó*; *desdar* [isto é desatar]; de *desatento*, *desatentar*; de *desatino*, *desatinar* [por enfurecer-se]; de *desgabador*, *desgabar*; de *embeleco*, *embelecar*; de *enxame*, *enxamear*; de *escudo*, *escudar*; de *esquerdo*, *esquerdear*; de *esquivo*, *esquivar*; de *elhico*, *entiquecer-se*; de *extremo*, *extremar*; de *facecia*, *facetear*; de *faisca*, *faiscar*; de *fama*, *afamar*; de *fidalgo*, *enfidalgar*; de *fralda*, *desfraldar*; de *golozo*, *golozear*; de *grenha*, *engrenhar* [por atar os cabellos]; de *hastea*, *hastear*; de *inferno*, *infernar*; de *jogo*, *joguetar*; de *jubilo*, *jubilar* [por alegrar-se muito]; de *justas*, *justar* [por correr justas]; de *latim*, *latinar*; de *linguagem*, *linguajar* [por compor em lingua vulgar]; de *luzidio*, *aluziar*; de *marido*, *mari-dar*; de *matinada*, *matinar*; de *meda*, *emmedar* [por fazer uma meda]; de *medicina*, *medicinar*; de *meigo*, *ameigar*; de *mexinha*, *mexinhar*; de *miollo*, *desmiollar* [por deitar os miollos fora]; de *molle*, *amollentar*; de *nedio*, *anediar*; de *ninho*, *desninhar*; de *onzena*, *onzenar*; de *ortiga*, *ortigar* [por fustigar-se com ortigas, ou por dar a terra muito desta erva]; de *palma*, *palmejar* [isto é

bater nas palmas por applauso]; de *parvoice*, *parvoejar*; de *paschoa*, *empaschoar*; de *patranha*, *patranhear*; de *pêa*, *despear* [isto é tirar as prisões dos pés]; de *pêgo*, *empégar* [por cahir nelle]; de *pejo*, *pejar-se* [por envergonhar-se]; de *perjurio*, *perjurar*; de *prêa*, ou *preza*, *prear* [isto é fazer preza]; de *prenhe*, *desemprenhar* [por parir]; de *quinhão*, *aquinhoar*; de *rabo*, *rabear* [por mover a cauda]; de *rhetorica*, *rhetoricar*; de *sabado*, *sabadear*, [isto é guardar o sabbado]; de *saraiva*, *saraivar*; de *sorte*, *sortear* [por buscar fortuna, ou tirar por sorte alguma cousa]; de *tartamudo*, *tartamudear*; de *tona*, *estonar*; de *tratos*, *tratear*; de *tromba*, *trombejar*, [isto é fazer a alguém carranca]; de *velhaco*, *velhaquear*; de *vicio*, *vicejar* [por ser vicioso]; &c.

Não nos occorrem por ora mais verbos perdidos; do uso delles em outras idades não apontamos exemplos, por não fazermos um processo infinito; facilmente os achará o leitor, que for dado á lição dos nossos antigos, e quando não queira tomar este trabalho, aquelle que for ignorante da nossa antiga linguagem corra os vocabularios portuguezes de Jeronimo Cardoso, Agostinho Barbosa, e Bento Pereira, porque nelles achará a justa razão com que sentimos esta perda, e affirmamos acima que a nossa lingua já foi mais copiosa do que é hoje. Parece que esta perda é hoje irremediavel, porque não está presentemente em uso, e vigor a regra de Horacio. «*Multa renascentur, quæ jam cecidere*» &c. pelo contrario o «*cadentque, quæ nunc sunt in honore vocabula*» isso [inda mal] que está tanto em uso, antiquando-se termos e expressões excellentes, proprios da nossa linguagem, sem mais razão que a vontade dos sectarios do francezismo.

REFLEXÃO 3.^a

Em que se trata das redundancias no fallar.

Na reflexão 6.^a da primeira parte reparou o critico nosso amigo, em que sendo tão frequentes as redundancias no estilo dos principiantes, e não menos o improprio uso dos epitetos, nos contentassemos só com fazer um unico paragrafo sobre tão importante materia. E assim aconselhou-nos, que dessemos aos principiantes mais exemplos deste vicio da redundancia, e que os extrahissemos de algum Auctor de boa nota em a nossa linguagem, para que vissem os ignorantes, o quanto é facil cahir, e pecar nesta materia. Nós, que havia pouco tinhamos lido com muita reflexão a *Ulysea* de Gabriel Pereira de Castro, e notado diversas redundancias em seu estilo, facilmente nos resolvemos a condescender com o reparo do amigo, illustrando nesta reflexão o §.º em que elle reparou na 1.^a Parte. Cremos que ficará satisfeito, porque o Auctor cujo estilo observamos, não é dos infimos no catalogo dos nossos Clássicos. Não duvidamos que alguns dos nossos reparos se possam defender com exemplos de poetas latinos do bom seculo; mas tambem não duvidamos, de que só os pouco instruidos na lingua portugueza serão os que alleguem com taes exemplos. Os doutos esses bem sabem que nas linguas vulgares constantemente se dão por claras redundancias aquellas que entre os poetas latinos se defendem com os nomes de figuras. No cant. 1. est. 20 diz o poeta « *Pallas armada valerosa entrava.* » O *valerosa*, tendo dito *armada*, todo o bom critico terá por uma redundancia.

No mesmo cant. est. 26. « *O Indo do oriente.* » Es-

oriente é superfluo, porque não ha outro Indo que não seja oriental.

No mesmo cant. est. 99: « *Vendo-se o claro engano manifesto* »: bastava dizer *engano manifesto*. O epitheto *claro* é de sobejo.

Est. 70 do mesmo canto: « *Por um jardim entravam passeando.* » A Manuel de Faria e Sousa pareceu o *passeando* cousa de sobejo.

Est. 92 do mesmo canto: « *Soam os instrumentos e as suaves frautas.* » Aqui ha clara redundancia, porque frautas tambem são instrumentos musicos.

No cant. 2. est. 88: « *Aonde a luz vacillante parecia sobre as tremulas ondas que tremia.* Se as ondas estavam *tremulas*, era inutil o *tremia*.

No cant. 3. est. 47: « *Do filho esposa, e de Neptuno nora.* » Ou o *esposa* ou o *nora* é superfluo, porque ser esposa do filho de Neptuno é ser nora de Neptuno; e o ser sua nora é ser esposa de seu filho. Faria e Sousa queria que dissesse: « *Edo ceruleo Jove illustre nora.* »

Est. 71: « *Essa alma tua assim castigar sabe o grão Tonante* »: fallando com o mesmo castigado o *tua* é redundancia.

Na est. 90 do mesmo canto 3.: « *Por antre os largos mares que cortámos, antre as ceruleas ondas somergidas.* » Qualquer conhecerá esta clara redundancia, porque o segundo verso diz o mesmo que o primeiro.

No cant. 4. est. 20: « *Vendo que tarda, um circulo e figura em roda pinta* » &c. Depois de dizer *circulo*, não devia acrescentar *figura em roda*.

Na est. 49: « *Tendo os rostos por mascaras fingidas.* » Bastava dizer *mascaras*: o *fingidas* é de mais, porque toda a mascara é fingimento.

Na est. 96 : « *Em corpo gigantêo, alto e membrudo.* »
Quem diz gigantêo diz alto.

No cant. 5 : « *Thetis as chama, e ellas que as ouviam, todas a obedece-la concorriam.* Por causa do consoante é que disse superfluamente « *e ellas que a ouviam.* »

No cant. 7. est. 4. diz : « *Do rei da luz a bella embaixadora, e logo a roxa aurora* », como se uma e outra não fôra o mesmo. A um poeta como Camões não obrigaria a rima a escrever esta puerilidade.

Na est. 19 do mesmo canto : « *Terror mortal dos javalís montezes.* Sobeja este epitheto, dizendo-se *javalís*.

No cant. 8. est. 91 : « *Aquelle da encurvada lua a corda sacode porque o fira.* » Se se despediam setas do arco, escusado era dizer *por que o fira*. O que fazem dizer consoantes !

Na est. 155 do mesmo canto : « *O ar na luz das armas se inflammava, onde o sol, quando as fere, scintillava.* » E' redundancia dizer *quando as fere*.

No cant. 10. est. 15 : « *Das lagrimas da aurora o congelado orvalho* » &c. Bastava dizer « *lagrimas congeladas da aurora* » sem acrescentar *orvalho*.

Na est. 21 do mesmo canto : « *A causa lhe perguntada, por que vinha do alto olimpo á terra onde caminha.* » Este *onde caminha* é de mais.

Podéramos escrever outros reparos ; mas estes bastam para conhecer o escriptor principiante o grande cuidado que é preciso ao compôr, para não se cair no vicio da redundancia, pois que não falta em uma Epopea, que tantas vezes seria revista, assim por seu auctor, como por outros muitos engenhos do seu tempo. Temos mais outros reparos em pontos de grammatica, e de im-

propriedades de expressões e epithetos, mas guardamo-
los para a Reflexão seguinte, como logar mais proprio.

REFLEXÃO 4.^a

Em que se recommenda a propriedade nos epithetos e expressões.

Fez-nos o critico amigo novo reparo, estranhando que nós depois de fazermos na Reflexão 6.^a da 1.^a Parte um largo catalogo da rigorosa significação de muitos termos, a qual ignoram os escriptores principiantes, não os instruissemos igualmente assim na propriedade dos epithetos e expressões, em que muito se erra, como na graduação das palavras, conforme o diverso estilo em que se escreve. Posto que lhe achassemos rasão, e conhecessemos a nossa ommissão, estivemos muito tempo resolutos a não executar esta idea, não só porque pedia largo estudo, mas porque eram fracos os nossos hombros para tanto peso. Porem em fim considerando na grande necessidade que havia de executar este projecto para soccorro dos que começam a escrever em portuguez, resolvemo-nos a emprehender a idea, se bem que não com toda aquella extensão, que desejára o amigo. Discorreremos pois sobre a impropriedade com que vulgarmente se usa de epithetos e expressões, e para isto nos tornaremos a servir do que notámos sobre este ponto no mesmo poema da *Ulysses*. Depois em outra Reflexão daremos um catalogo de muitos vocabulos que a critica frenetica desta idade não quer já admittir em composição magnifica

e sublime, e que só lhes dá logar em discursos familiares, comicos, jocosos e outros semelhantes. Começando pela impropriedade de *epithetos* e *termos*, continuemos a reparar na celebrada Epopea de Gabriel Pereira, para que deste grande poeta aprendam os ignorantes a conhecer a facilidade com que nesta materia se erra.

No cant. 1. est. 29 dá a Marte o epitheto de *airoso*, que nunca ninguem deu a uma tal divindade, e muito menos em occasião em que *revolvia mil pensamentos*. Em Apollo poderia soffrer-se este epitheto.

Na est. 30 chama a Jupiter só *poderoso*, devendo chamar-lhe em principio da falla *omnipotente*, como fizeram todos os bons epicos. Tambem o epitheto de *sempiterno* ao mesmo deus é fraquissimo, porque é commum, como o de *poderoso*, a qualquer dos deuses.

Na est. 79 do mesmo canto: «*Uma estatua de porfido luzente*»: mais abaixo tambem chama a esta pedra *crystalina*. Nem este epitheto, nem o de *luzente* convem ao porfido, porque é um marmore maciço sem algum resplendor.

Na est. 90: «*Ali junto se vem, donde assistiam cem polidos ministros que serviam*» &c. Dos que *servem* não se diz com propriedade que *assistem*, como bem ponderou Manuel de Faria e Sousa, notando este logar. Uma cousa é assistir a uma mesa, e outra servi-la.

Na est. 94 do mesmo canto: «*Circe a taça formosa e coroada*». Tão poetico é o epitheto de *coroada*, como baixo e vicioso o de *formosa*, porque só em estilo humilde se diria *formosa taça* por *grande taça*.

No mesmo cant. est. 93 chama a Ulysses *capitão valente*. Ainda não achamos poeta que lhe dêsse tal epitheto; o que lhe é [digamos assim] caracteristico é o de *astuto*, *fingido*, *eloquente* &c., assim como a Achilles o de *valente*, *iracundo*, *inexoravel* &c.

No cant. 2. est. 1. dá á lua o epitheto de *alegre*, não sabemos a rasão; chama-lhe tambem *vagarosa*, sendo um planeta mui veloz. Em que bom epico acharia estes epithetos? Nós ainda os não descobrimos, nem Manuel de Faria, notando esta estancia.

Na est. 4. diz: «*Soltando a redea ás naus*» &c. Parece impropria, ou ao menos atrevida esta frase; mas algum exemplo tem que a patrocina.

Na est. 12 dá o epitheto de *barbara* a uma cadeia, que servia de enfeite e adorno feminil, dizendo: «*De barbara cadeia refulgente cahindo ao seio as voltas se enredavam*» &c. Não sabemos a rasão que teve para usar de tal epitheto.

Na est. 17 do mesmo canto 2.: «*Dando Eolo no caminho força ao cançado lenho, vida ao linho*», isto é ás velas. Não seria maldizente quem chamasse a esta *vida* uma atrevidissima impropriedade.

Na est. 51 diz que os deuses do mar vinham em cavallos *maritimos*. Este epitheto foi bem escusado, tendo o poeta já dito que eram os deuses *humidos* os que vinham nos taes cavallos.

Na est. 59 diz que *sobre o mar* recebe a concha a agua congelada em puras gotas. No fundo do mar [diz a isto Manuel de Faria] e não sobre elle é que se faz a geração das perolas. Dizer dellas o poeta na mesma estancia, que o *ceu as namora* não é menor absurdo.

Na est. 63 chama á pedreneira *pedra congelada*. Não entendo a propriedade deste epitheto. Manuel de Faria claramente lhe chama mau.

Na est. 64 chama *asperas* ás fadigas do mar, em occasião em que o epitheto proprio era *doces*, porque se occupavam os companheiros de Ulysses em enxugar o fato ao fogo, e descansavam sãos e salvos da passada tormenta.

No cant. 3. est. 8. impropriamente [diz Manuel de Faria] chama ás bebidas nevadas *artificiosa neve*, sendo ellas realmente a mesma neve, e não consistindo o artificio senão no saber usar della para esfriar licores e frutas &c.

Na est. 62 dá a uma estaca o epitheto de *fera*, isto é, grande, do mesmo modo que o vulgo no seu falar humilde diz *fera mentira*, *fero desproposito* &c.

Na est. 75 dá ao remo o epitheto de *grave*. Não duvidamos que se possa defender com algum exemplo; mas os epithetos usados pelos bons poetas eram os de *agilis*, *citus*, *levis* e *velox*.

Na est. 97 diz que Ulysses estava «*entre tantos cuidados ocioso, entre enganosos bens tão mal perdido*. Perguntára eu ao poeta: e quem foi jámais bem perdido?

No cant. 4. est. 9. diz: «*Troncos hirsutos pelo ar se erguam*. A um critico severo não póde agradar o *hirsutos* applicado a troncos. Mais proprio era que dissesse *robustos*, imitando a Gongora em semelhante sentido.

Na est. 112 diz impropriissimamente que a Parca em *tear de ouro* tece a vida d'El-Rei Philippe 3.^o Não sei que os antigos dessem tear ás Parcas; roca, fuso e tesoura sim. O seu officio era fiar, e não tecer os fios da vida.

No canto 5. est. do Argumento diz sem observar decoro, que «*A's Nymphas Thetis sae favor pedindo*.» A primeira deusa do mar não podia *pedir favor* ás suas nymphas; devia manda-las. Por isso Camões em caso semelhante disse: «*Em quanto manda ás nymphas*» &c.

Na est. 13 chama ao mez de agosto *idade juvenil do anno*. E que será então a primavera, da qual disse [alem de outros muitos poetas] o famoso Guarini no seu Pastor Fido: «*O' primavera, gioventú dell'anno*» &c.

Na est. 14 dá ás proas o epitheto de *levantadas*; diria bem se dissesse *agudas*, e guardasse o *levantadas* para as pôpas, como fez Camões.

Na est. 43 diz: « *Manda arribar Ulysses, e varrendo o negro pinho os mares socegados* » &c. Quem toma porto [como, segundo o poeta, tomava Ulysses] não arriba estando os mares socegados. Não é menor impropriedade dizer que a nau ia *varrendo* os mares. Se dissera *cortando* ou *surcando*, diria como os bons antigos poetas, que só usavam da metáfora de *varrer*, applicando-a aos ventos ou aos remos, porque o imitam na acção de asoprar ou de cortar as ondas, a qual não fazem as quilhas, antes só imitam ao *arar*, e dahi é que vem o *surcar*.

Na est. 44, pintando o mar socegado, diz que o gado de Protheo se *esconde nas cavernas mais guardadas*. Aqui ha uma grande impropriedade, porque só com o mar bravo é que se escondem os monstros marinhos.

Na est. 49 do mesmo canto 5. ha uma expressão bem estranha e impropria, e vem a ser, dizer que Ulysses media os mares com *ligeiras plantas*. Supponho que por terra é que navegava. Deste absurdo foi causa a rima. Veja o curioso esta celebre estancia.

Na est. 68, fazendo ao seu heroe todo amedrontado por uma visão horrorosa, conclue dizendo: « *Pegada a voz ás fauces, levantava a vista ao ceu, e a Jupiter fallava*. » Se a voz estava pegada ás fauces, como poude Ulysses entrar a fallar, formando uma arenga, em que gasta tres estancias, cheias de mil brinquinhos?

Na est. 82, fallando dos companheiros do heroe, diz: « *Assentam-se contentes na verdura, onde o prado lhe faz verde almofada*. » Para homens e soldados vem mui impropria a *almofada*, a qual só diria bem em damas ou nymphas.

No canto 6. est. 58 diz impropriamente, que o sol *cahe sobre os montes*, devendo dizer *sobe*, segundo o reparo de Manuel de Faria e Sousa a esta estancia. Nella diz tambem que o sol *sobe aos abrazados horisontes*, sendo estes á nossa vista a parte baixa do ceu. Na opinião do sobredito critico transtornou o poeta os dous verbos, pondo *descer* onde havia de pôr *subir*, e *subir* onde havia usar de *descer*.

Na est. 89: « *Viu começar o sol este duello, e já então inclinava a luz phebea* » &c. Esta *phebea*, tendo antes dito *sol*, é o maior absurdo em que podia cair um poeta principiante.

No cant. 7. est. 91 diz que o *mar crescêra* com o sangue de uma ferida. Que excellente hyperbole para agradar a Aristoteles e a Longino!

No canto 8. est. 54 suppõe *bandeiras* no tempo de Ulysses. Ou foi descuido, ou ignorou o poeta as insignias da milicia grega.

Na est. 88 dá ao ariete [instrumento bellico] o epitheto de *mortal*, devendo dar-lhe o de *fatal*. Suppõe tambem uma porta mal *segura*, e logo na estancia seguinte a faz *firme e possante*. Ainda que a este reparo se possa dar um sentido favoravel ao poeta, no sentido natural sempre ha uma forte contradicção.

Na est. 115 chama com grave absurdo a um cadaver *nobre sepultura da alma*. Ao corpo [e muito menos morto] não se póde dar sem grande erro um tal epitheto.

Na est. 130, pintando a um capitão, diz: « *Açoutando co'a pluma azul o puro ar, que a vai meneando brandamente*. Depois de usar do verbo *açoutar*, contradiz-se em dizer que o ar *brandamente a meneava*; porque se ella *açoutava*, como se movia com brandura?

Na est. 137 diz: « *Traz de ouro o elmo erguido da*

vizeira. » E' erro claro, porque a vizeira é que se ergue no elmo, e não o elmo na vizeira.

No cant. 9. est. 2. ha uma grande contradicção dizendo o poeta, que o sol vinha *no seu carro veloz*, e a *passo lento*. Não sei como se possa unir a velocidade do carro com o vagaroso movimento dos cavallos do sol.

Na est. 71 diz, que Gorgoris soltara o *grave loro*, e deixava o carro em que vinha. Não sei como possa convir a *loro* o epiteto de *grave*. O que lhe deram os antigos poetas foi o de *flexile, undans, tenax, solutum, strictum, nodosum &c.*

Na est. 102 diz. « *Fazendo de homens vivos vivo muro.* » Por conta da pueril anthitese disse superfluamente *homens vivos*, bastando dizer *homens*.

No cant. 10. est. 14 diz que á vista de uns cabellos louros o ouro de enfiado, e de corrido *sem cor fica amarello*. Não reparamos em mais de uma puerilidade, que se inclue neste conceito; mas só em dizer que o ouro *fica amarello*, como se elle teria outra cor a não estar *enfiado*.

Na est. 50 diz. « E's alfange nú, que tanto sangue bebe. Summamente improprio, por não dizer atrevidissimo, está aqui o verbo *beber*, dirá até o poeta que for do mais depravado gosto.

Na est. 84 diz que as espadas com os fortissimos golpes estavam *feitas nos fios serras de embotadas*. Este *embotadas* é aqui improprio, tendo dito antes, que estavam *serras*, porque espada embotada é a que unicamente perdeu o fio, e o estar feita *serra* é muito mais, porque val o mesmo que gastada, e quebrada no ferro.

Creia o leitor que outros muitos reparos se poderiam fazer a esta epopea, semelhantes aos antecedentes; mas bastarão estes para conhecer o escriptor principiante o

summo cuidado, que é preciso ao escrever, em pezar bem os termos, os epithetos, e as expressões, de que usar, para não cahir em impropriedades, e absurdos. Foi Gabriel Pereira de Castro um escriptor de grande merecimento, e com tudo claudicou tantas vezes em obra, que foi o empenho da sua penna, e que seria escrupulosamente revista por elle, e por seus amigos. Mas que muito [dizem neste caso os criticos mais severos] cahisse em taes erros um escriptor nosso da segunda classe, se tambem ás vezes dormiram os da primeira ordem, cahindo em muitas impropriedades do mesmo genero dessas, que se censuram na Ulyssea?

Por ventura [proseguem elles] faltarão em Camões muitos exemplos que provem esta verdade? Contem-se os que lhe descobrio Ignacio Garcez Ferreira em seus Commentarios, e não se despreze tambem a Manuel de Faria e Sousa, postoque seu apaixonadissimo defensor. Por ventura Vieira, oraculo da propriedade, elegancia e pureza da sua lingua, não chamou impropriamente no tom. 2. pag. 165 *Comedia* á Historia de José? Tal não havia de dizer se reflectisse na rigorosa significação de *comedia*; mas seguio aos comicos de Hespanha, que de taes historias formavam impropriamente comedias. O mesmo nome dá o dito classico á resurreição de Christo, dizendo no tom. 4. pag. 396. «*Tão tragicos como isto foram os dous primeiros actos ou apparencias desta famosa comedia.*» Aqui ainda é mais notavel, e digna de censura a impropriedade da palavra *comedia*. Igualmente no mesmo tom. 4. pag. 396 chamou *tragicomedia* ao sacrificio de Isáac, e isto pela razão de acabar com fim alegre. Se este eloquentissimo homem, que tanto cuidava em fallar com a mais escrupulosa propriedade, tivesse presente na memoria o que diz sobre *tragicomedia* o seu Padre Delrio com-

mentando a Seneca Tragico, certo estou, que não usaria de tal vocabulo, mas sim do de *tragedia*. Porem estas impropriedades julga leves a critica prudente comparadas com as de chamar á Santissima Trindade *Triumvirato Divino*; e gentilhomem a um serafim. Veja-se o tom. 12. pag. 6.

Um grande escriptor deste seculo, que faz honra á lingua portugueza, não obstante a especial lição que tinha de Vieira, escreveu tambem *Apologia em defesa*, não reparando no pleonasma, e o *buril, que lava o diamante*, não advertindo na impropriedade. Porem aos Auctores desta classe defende-os Horacio no *quandoque bonus dormitat Homerus*; e sirva tambem esta defesa ao insigne Jacinto Freire, por cahir na redundancia de dizer *medir a altura da elevação do polo* &c.

REFLEXÃO 5.^a

Sobre muitos vocabulos, que presentemente senão admittem em estilo magnifico, e sublime, mas só no familiar, comico, ou jocoso &c.

Satisfazendo ao que promettemos na reflexão antecedente, em cumprimento do conselho do critico nosso amigo, faremos um catalogo de diversos termos, que hoje não admittem os criticos em discurso grave, e oratorio; não obstante terem muitos delles a seu favor os melhores textos da lingua. Donde se vê o quanto pode o uso nas linguas vivas, como bem ponderou Horacio na sua poetica. « *Cadentque, quæ nunc sunt in honore, vocabula,*

si volet usus; quem penes arbitrium est, et jus, et norma loquendi.

Abalar, por *fugir*, ou retirar-se para outra terra, só se diz em estilo jocoso, não obstante ter sido usado no serio pelos nossos bons antigos. Em frase militar é que se pode dizer *abalou* o exercito, isto é, levantou o campo, como disse Brito na Mon. Lusit. «Mandou *abalar* os batalhões» &c.

Abalroar com alguém, ou com alguma cousa, não querem os criticos, que tenha hoje uso, senão como termo maritimo. «Quando vio despedir de si os bateis, quiz *abalroar*.» Barros Decad. 2. pag. 136.

Abocanhar por *detrahir*, de que usou D. Francisco Manuel, hoje só querem que tenha uso em estilo tal, como o da *Carta de Guia de Casados* do mesmo Auctor não obstante usa-lo diversas vezes Vieira em seus sermões.

Acabado por *fraco*, ou debilitado de forças por causa de doença, só tem bom uso em discurso familiar, não obstante usa-lo mil vezes Fr. Luiz de Sousa.

Achegas por *conveniências*, posto que seja de Barros na Decad. 2. pag. 33. serve só hoje em estilo familiar. O mesmo dizemos na significação de *auxilio*, *socorro*, *ajuda* &c.

Acinte, ou como adverbio, ou como nome, pouco uso pode ter hoje em estilo oratorio, posto que se ache mais de uma vez em Vieira.

Acossar por *perseguir*, tem mais uso, applicando-o a feras, que a homens, posto que se ache em alguns antigos *acossado* da fortuna, das tribulações, dos inimigos &c. Porem *acossador* por *perseguidor* não se diz.

Actuado por *affeito* a alguma cousa não se diz em nenhum estilo, porque não se lhe acha exemplo. Em sentido forense é que tem uso, mas a significação é diversa.

Adega, que se lê em alguns Sermonarios, traduzindo-se o *cella vinaria* dos cantores, não se admitte em discurso oratorio. Os cultos usam de alguma circumlocução.

Adjectivar por *costumar-se* não se deve usar, senão [quando muito] no estilo familiar. Como termo grammatical, significando *concordar* não pode haver duvida no seu uso.

Afazer-se por *costumar-se* é termo popular, e os criticos não querem hoje usa-lo em composição grave se bem que tenha muitos exemplos em Fr. Luiz de Sousa.

Afigurado: pessoa bem afigurada. E' muito proprio do fallar familiar. Em discurso de maior eloquencia querem que se diga «pessoa de boa figura.» Parece-nos demasiado escrupulo, postoque só lhe achamos exemplo na Corte na Aldea Dialog. 11., pag. 219. Em Vieira não o podemos descobrir.

Afogo por *oppressão* não tem o uso, que tem o seu contrario *desafogo*. Em obras familiares admitte-se com os exemplos de Chagas em muitos logares.

Agarrar por *pegar bem*, ou por *furtar* não é termo oratorio, só sim quando se applica a ave de rapina, porque então é propriissimo assim como *empolgar*.

Agoacenta [terra] melhor será dizer de *humida natureza*, por não usar de um termo que é hoje popular, se bem o não era no seculo passado.

Agoado: gosto *agoado* não é frase de orador. Apenas hoje se soffre no livro *Dominio sobre a Fortuna* de Antonio de Sousa de Macedo, que usou desta metaphora na pag. 69, e 177.

Agoniar não tem tanta nobreza, como tem *agonia*, termo que não despreza o estilo grave. No familiar tem bom uso a *agoniar*, *agoniar-se*, e *agoniado*.

Aguantar por *vencer caminho*, ou *poder com algu-*

ma dificuldade é metáfora humilde. Só é próprio como termo nautico. Erram os que pronunciam *aguentar*. *Ajuda* por *socorro*, e *auxilio*, é termo de que não querem usar os oradores nimiamente escrupulosos, reservando-o só para discurso familiar, apesar de infinitos exemplos dos melhores Classicos. Temos a estes criticos por excessivos.

Alagamento, posto que se ache em oradores do seculo passado, os do presente dizem *inundação*, ou *cheia*, ou *alluvião*.

Alar por *adiantar-se* em fortuna é um excellente verbo metaforico, usado por Vieira no tom. 7. pag. 207, mas hoje tem mais uso no estilo familiar.

Albergar: no estilo grave tem uso *hospedar*. *Albergaria* por *hospedaria* é que está inteiramente antiquada.

Alcouce casa de *alcouce*. Assim chamavam sem escrupulo os nossos antigos oradores ás casas, que dão commodos para commercios lascivos. Hoje em discurso grave foge-se de pronunciar este termo por ser popular.

Alcoviteiro: com muito decoro, e elegancia lhe chamou o Padre Bluteau, *torpe medianeiro*, e *ministro infame da luxuria alheia*. O orador poderá descobrir outra semelhante circumlocução.

Alegrão: rumor alegre, e repentino, não tem logar hoje em discurso oratorio como o tem no familiar.

Aleijão: tem-se por palavra popular, e não querem os criticos impertinentes que se use della em estilo magnifico, bastando que se diga *achaque de membros aleijados*, ou outra semelhante frase.

Alforria: serve para o estilo familiar com o exemplo de Chagas nas Cartas tom. 2. pag. 24: *manumissão* para o forense, e *liberdade* para o oratorio.

Alporcas é termo, que já não admite o estilo gra-

ve, não obstante ter usado d'elle o Padre Vieira no tom. 7. n. 168; porque no seu tempo não causavam muitas palavras a nauzea, que hoje causam em paladares nimiamente delicados.

Alto: *passar por alto*; é termo proverbial, que só tem bom uso em discurso familiar, ou em historia, como exemplo de Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 10. col. 3.

Amarrado, e *amarrar por prezo*, e *prender*, são vocabulos, que tem alguma baixeza: só applicando-se a embarcação tem toda a propriedade.

Amigo: não é hoje decoroso servimo-nos deste termo para explicar amisade com mulher, dizendo v. g. Pedro é *amigo* de Maria, isto é, tem com ella sincera amisade.

Anão, por homem de brevissima estatura só tem bom logar em estilo jocoso, ou familiar; e é justamente censurado Manuel Thomaz de usar deste termo em um poema. Veja-se a sua Insulana Liv. 10. est. 90.

Antigualhas por *antiguidades*, postoque seja vocabulo usado muitas vezes por Fr. Luiz de Sousa, e Fr. Bernardo de Brito, usa-se hoje só em discurso familiar, e jocoso.

Apalavrada a cazar. E' mais usado em estilo grave dizer-se *contratada*, ou *concertada*, como diziam os nossos Classicos. Com tudo fallando de mulher inferior não duvidaremos dizer *apalavrada*, e *apalavrar-se*.

Apanhar em algumas accepções tem baixeza. Não é elegante dizer *apanhar* flores, mas sim *colher*; *apanhar* alguma cousa a alguém, mas sim *tirar*; *apanhar* no argumento, mas sim *convencer* &c.

Apiadar por mover a piedade, sendo de Camões na Eclog. 5. est. 38, e *apiadar-se* por compadecer-se, sendo de todos os Classicos, hoje não tem uso senão em es-

tilo familiar: *apiadar* um doente, isto é, i-lo alimentando.

Apodrecer e *podre* não são termos próprios da elegancia oratoria. Deve-se dizer *corromper-se* e *corrupto*.

Aranzel já se não diz no estilo em que o disse Vieira, tom. 3. pag. 108: « Fez um grande *aranzel* de todas as suas virtudes » &c.

Arear, por perder o tino ou pasmar, sendo de Vieira no tom. 4. pag. 342., não quiz o uso que se seguisse a este Classico, usando-se do estilo de que elle usou.

Arrenegar, ou por *apostatar* da Religião, ou por *ter grande raiva*, ou por *detestar*, só no estilo infimo, [ou quando muito medio] póde ter uso.

Arrotar em sentido metaforico; v. g. *arrotar* fidalguia, sciencia, animo &c. não se deve dizer senão no estilo comico, satirico ou jocoso.

Arrufado e *arrufar-se*, posto que os usasse Barros na Decad. 1. pag. 94 col. 4., já não tem logar em escriptura grave. Servem para o comico, e para os discursos familiares.

Assanhado e *assanhar*, por *enfurecido* e *enfunccer*, não se admitem hoje em estilo oratorio, tomando-se em significação metaforica. Applicados estes termos a fera, poderão ter logar proprio.

Assar e *assado* são termos que não mantêm a gravidade da linguagem oratoria; e hoje um culto pregador não dirá v. g.: S. Lourenço *assado*, mas antes *tornado* no fogo.

Assoalhar, por *manifestar* e fazer patente a todos, só tem bom uso no estilo em que o usou D. Francisco Manuel na Carta de Guia, pag. 86 verso.

Atanazar, por tirar pedaços de carne com tenazes encendidas, não é verbo que admitta um orador deste

seculo, e se os annos e o conceito do publico lhe não derem licença, como deram a Vieira, para usar deste e outros muitos vocabulos, que hoje se estranham ouvidos no pulpito.

Atarantado e *atarantar-se*, por *perturbado* e *perturbar-se*, serve só para o estilo infimo, e nelle tem energia.

Atassalhado, sendo termo de que usou Vieira no tom. 4. pag. 153, hoje não se sofre no estilo em que elle fallava, porque assim o quer o uso, tiranno das linguas vivas. Diz-se com menos energia *despedaçado*, *lacerado* &c.

Atolado, assim em sentido natural como metaforico, querem muitos que se fuja delle em discurso de eloquencia sublime, não obstante acharem este termo em a nossa maior epopea, cant. 8. est. 39. Parece-nos demasiado o escrúpulo, e não tivemos duvida a dizer, v. g., peccador *atolado* em vicios &c., mas não diriamos, *mettido* em um lamarão, como ouvimos a um moderno orador de grande fama.

Avelhentado e *avelhentar-se*, por *envelhecido* e *envelhecer*, serve para o comico e para qualquer discurso familiar, quaes os da Corte na Aldeia, que traz estes termos no Dialog. 11. pag. 225.

A's avessas, em vez de *pelo contrario*, pertence hoje ao estilo infimo, não obstante acharem-se bons exemplos deste adverbio em estilo medio, e ainda magnifico no seculo 16.^o

Azafama por *pressa* ou ruido popular para alguma cousa, hoje só tem uso no familiar ou comico, se bem que os antigos o usavam no fallar grave.

Azedar-se e *azedo* no sentido metaforico, por *agastar-se* e *agastado*, só tem bom uso no estilo que convêm ás cartas, ás comedias, aos dialogos &c.

Barriga é termo que não sofre a elegancia sublime, e só admite *ventre*, fallando-se de homem, e *utero* ou *ventre*, sendo de mulher. Homem de grande *bojo*, disse Vieira em logar de grande *barriga*.

Bebedice e *bebado* nenhum culto duvida que não se deve dizer, senão no estilo infimo: deve-se usar com os exemplos de Vieira ou de *embriagues* e *ebriedade*, ou de *ebrio* e *embriagado*.

Beijos em frase sublime não querem os criticos que se diga, mas sim *labios*, ainda que seja voz alatinada, ou que por figura [podendo ser sem impropriedade] se use de *lingua* ou de *boca* em logar de *beijos*; v. g., os meus *labios* louvarão ao Senhor: melhor será dizer [por fugir ao alatinar] a minha *boca* e a minha *lingua* louvarão ao Senhor: porem onde for precisamente necessario usar de *beijos*, como na traducção de alguns passos dos Cantares, então deve-se dizer *labios*, por não abater o estilo.

Beijo não é termo decoroso em grave, não obstante achar-se nos nossos melhores oradores do principio do seculo passado. Deve-se dizer *osculo*. O verbo *beijar* esse admite-se em todo o estilo.

Besta chamavam constantemente os nossos Classicos a todo o animal bravo e terrivel, ou por sua crueldade ou por sua grandeza. Hoje injustamente se foge de usar desta palavra em estilo grave, e dizem os cultos *ferra*, reservando *besta* para animal de carga.

Bicho pela maior parte faz baixeza no fallar sublime. Diga-se *insecto* ou *gusano*, que é termo de João de Barros, e o epitheto que se lhe applicar com propriedade declarará o mais que este termo por si não exprime, como fez Vieira, dizendo: « os ascarosos *insectos*, que já em vida se alimentam da nossa carne » &c.